

Carta Encíclica

Fratelli Tutti

Franciscus

Oração ao Criador

Senhor e Pai da humanidade, que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade, infunde em nossos corações um espírito fraterno. Inspira-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz. Estimula-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno, sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.

Que o nosso coração se abra a todos os povos e nações da terra, para reconhecer o bem e a beleza que semeaste em cada um deles, para estreitar laços de unidade, de projetos comuns, de esperanças compartilhadas.

Amém



Capítulo primeiro: *As sombras de um mundo fechado*

O primeiro capítulo é uma análise do mundo contemporâneo marcado pela desesperança, a desconfiança, a polarização, às novas formas de “escravização”, ou deterioração da ética e a tentação de descartar os mais fracos. A encíclica propõe um caminho de proximidade e descubro que isso se divide nos próximos sete capítulos.

“O bem, assim como o amor, a justiça e a solidariedade, não se alcançam de uma vez por todas; eles têm que ser conquistados todos os dias.” (11)

“Os conflitos locais e o desinteresse pelo bem comum são usados pela economia global para impor um modelo cultural único. Essa cultura une o mundo, mas divide pessoas e nações, porque “a sociedade mais globalizada nos aproxima, mas não como irmãos.” (12)

“Percebe-se a penetração cultural de uma espécie de “desconstrução”, onde a liberdade humana tenta começar tudo do zero.” “É assim que funcionam as ideologias de cores diferentes que destroem tudo o que é diferente e, assim, podem reinar sem oposição.” (13)

“São as novas formas de colonização cultural.” (14)

“A melhor forma de dominar e avançar sem limites é semear desespero e despertar desconfianças constantes, mesmo disfarçadas por trás da defesa de alguns valores.” (15)

“Cuidar do mundo que nos cerca e nos contém é cuidar de nós mesmos. Mas precisamos nos tornar um “nós” que habita a casa comum.” (17)

“Nos tornamos insensíveis a qualquer tipo de desperdício, a começar pela comida, que é um dos mais vergonhosos.” (18)

“Embora sejamos cativados por muitos avanços, não vemos um rumo verdadeiramente humano.” (29) “O caminho para restaurar a esperança ... é a proximidade, é a cultura do encontro.” (30)

“É verdade que uma tragédia global como a pandemia de Covid-19 despertou por algum tempo a consciência de ser uma comunidade mundial navegando no mesmo barco, onde o mal de um faz mal a todos.” “Por isso disse que a tempestade desmascara nossa vulnerabilidade e expõe aquelas falsas e supérfluas garantias com que construímos nossas agendas, nossos projetos, rotinas e prioridades.” (32)

“A dor, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites que a pandemia suscitou, ecoam o apelo a repensarmos o nosso estilo de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência.” (33)

“Esperamos que tanta dor não seja inútil, que demos um salto para uma nova forma de vida e finalmente descubramos definitivamente que precisamos uns dos outros.” (35)

“É sustentado por diferentes posições, que é preciso evitar a todo custo a chegada de migrantes.” (37)

“Eu entendo que alguns migrantes têm dúvidas e medo ... [Faz] parte do instinto natural de autodefesa. Mas também é verdade que uma pessoa e um povo só são fecundos se souberem como integrar de forma criativa a abertura aos outros dentro de si.” (41)

“Crescem as atitudes fechadas e intolerantes que à vista dos outros, nos fecham em nós próprios, por outro lado as distâncias são encurtadas ou desaparecem a ponto de deixar de existir o direito à privacidade.” (42)

“Ao mesmo tempo que as pessoas que preservam seu isolamento consumista e confortável, optam por uma vinculação constante e febril. Isso favorece a ebulição de inusitadas formas de agressividade, insultos, maus-tratos.” “A agressividade social encontra nos dispositivos móveis e computadores um espaço de expansão sem igual.” (44)

“Juntos podemos buscar a verdade no diálogo, em uma conversa calma ou em uma discussão apaixonada. É um caminho perseverante, feito também de silêncios e sofrimentos, capaz de recolher com paciência a longa experiência das pessoas e dos povos.” (50)

“Alguns países bem-sucedidos do ponto de vista econômico se apresentam como modelos culturais para os países menos desenvolvidos, ao invés de tentar fazer com que cada um cresça com seu estilo próprio.” (51)

“Esquecem que “não existe pior alienação que experimentar que não se tem raízes, que não se pertence a ninguém. Uma terra será fecunda, um povo dará fruto, e poderá gerar o amanhã apenas na medida em que dá vida a relação de pertença entre seus membros.”” (53)

“Apesar dessas densas sombras que não devem ser ignoradas, nas próximas páginas quero fazer eco a tantos caminhos de esperança. Porque Deus continua a lançar sementes de bem na humanidade.” (54)

Capítulo segundo: *Um estranho no caminho*

A partir da parábola do “Bom Samaritano” que ajuda a um estrangeiro desconhecido, o Papa propõe “aproxime-se” dos demais, para não ficar indiferente e a colaborar a partir do lugar que cada um ocupa na sociedade.

“Tudo o que mencionei no capítulo anterior é mais uma descrição da realidade, pois “as alegrias e esperanças, as dores e as angústias dos homens do nosso tempo, especialmente dos pobres e dos que sofrem, são ao mesmo tempo alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo.”” “Porque, embora esta carta seja dirigida a todas as pessoas de boa vontade, independentemente das suas convicções religiosas, a parábola [do Bom Samaritano, (Lucas 10: 25-37)] é expressa de tal forma que qualquer um de nós pode deixar-se ser questionado por ela.” (56)

“No Novo Testamento ressoa com força o chamado ao amor fraterno: (Ga 5,14), (1 Jo 2,10-11), (1 Jo 3,14), (1 Jo 4:20).” (61)

“Este contexto ajuda a compreender o valor da parábola do bom samaritano: Porque é o “amor que rompe as cadeias que nos isolam e nos separam, construindo pontes; amor que nos permite construir uma grande família onde todos possamos nos sentir em casa.”” (62)

“Com quem você se identifica? Esta pergunta é crua, direta e determinante. Com qual deles você se parece? Precisamos reconhecer a tentação que nos cerca de ignorar os outros; especialmente os mais fracos.” (64)

“Esta parábola é um ícone iluminador, capaz de destacar a escolha básica que devemos fazer para reconstruir este mundo que nos dói. Diante de tanta dor, diante de tantas feridas, a única saída é ser como o bom samaritano.” (67)

“A parábola nos mostra com que iniciativas uma comunidade pode ser reconstruída a partir de homens e mulheres que fazem sua a fragilidade dos outros”. (67) “Por fim, recordo que em outra parte do Evangelho Jesus diz: “ Eu era um estrangeiro e me acolheste.”” (84)

“Jesus propôs esta parábola para responder a uma pergunta: Quem é o meu próximo? A palavra “próximo” na sociedade da época de Jesus costumava indicar aquele que está mais perto, próximo.”. (80)

“Desfrutamos de um espaço de corresponsabilidade capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações. Sejamos parte ativa na reabilitação e ajuda das sociedades feridas. Hoje estamos diante de uma grande oportunidade de manifestar nossa essência fraterna, de ser outros bons samaritanos que carreguem sobre si a dor dos fracassos, ao invés de acentuar o ódio e ressentimentos.” (77)

Capítulo terceiro: *Pensar e criar un mundo aberto*

O terceiro capítulo propõe a integração ao progresso “às periferias”, ou seja, aos mais frágeis e excluídos da sociedade. Faz um apelo a promover o desenvolvimento humano e o respeito ao direito de todos a viver com dignidade, combatendo as causas estruturais da pobreza.

“O ser humano é feito de tal forma que não se realiza, não se desenvolve ou encontra a sua plenitude “se não for na entrega sincera de si mesmo aos outros”.” (87)

“A vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e uma vida é mais forte que a morte quando é construída sobre verdadeiras relações e laços de fidelidade. Ao contrário, não há vida quando pretendemos pertencer apenas a nós mesmos e viver como ilhas: nessas atitudes prevalece a morte.” (87)

“As pessoas podem desenvolver algumas atitudes que apresentam como valores morais: força, sobriedade, laboriosidade e outras virtudes. Mas para orientar adequadamente os atos das diferentes virtudes morais, é necessário também considerar em que medida elas desempenham um dinamismo de abertura e união para com as outras pessoas. Esse dinamismo é a caridade que Deus infunde. Do contrário, talvez tenhamos apenas a aparência de virtudes, que serão incapazes de construir a vida em comum.” (91)

“A atenção afetiva que se dispensa ao outro, provoca uma orientação para buscar o seu bem gratuitamente.” (93) “As ações nascem de uma união que se inclina cada vez mais e mais para o outro considerando-o valiosa, digna grata e bela, além das aparências físicas.” (94)

“Isso parte de uma apreciação, de uma valorização, que em última análise é o que está por trás da palavra “caridade”: o ser amado “é caro” para mim, isto é, “é considerado de alto valor”.” (93)

“O amor ao outro por quem ele é, nos move a buscar o melhor para sua vida.” (94)

“O racismo é um vírus que se transforma facilmente e em vez de desaparecer se disfarça, mas está sempre alerta.” (97) “Quero lembrar aqueles “exilados ocultos” que são tratados como corpos estranhos na sociedade. Muitas pessoas com deficiência que “sentem que existem mas sem pertencer e sem participar”.” “O objetivo não é só cuidar deles, mas “que participem ativamente da comunidade.”” (98)

“O amor que ultrapassa as fronteiras se baseia no que chamamos de “amizade social” em cada cidade ou em cada país. Quando é genuína, esta amizade social dentro de uma sociedade é uma condição de possibilidade de uma verdadeira abertura universal.” (99)

“Cada sociedade precisa garantir que os valores sejam transmitidos, porque se isso não acontecer, espalhar-se-ão o egoísmo, a violência, a corrupção nas suas várias formas, a indiferença e, em última instância, uma vida fechada a todas as transcendências e fechada aos interesses individuais.” (113)

“A solidariedade se expressa de forma concreta no serviço, que pode assumir formas muito diferentes de cuidar do próximo. O serviço é “em grande parte, cuidar da fragilidade. Servir significa cuidar dos frágeis de nossas famílias, de nossa sociedade, de nosso povo.” “O serviço sempre olha para o rosto do irmão, toca sua carne, sente sua proximidade e até em alguns casos “sofre” e busca a promoção do irmão. É por isso que o serviço nunca é ideológico, pois as ideias não se servem, mas as pessoas são servidas”.” (115)

“Solidariedade ... é uma palavra que expressa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade.” “Está lutando contra as causas estruturais da pobreza, da desigualdade, da falta de trabalho, de terra e de moradia, da negação dos direitos sociais e trabalhistas.” (116)

Capítulo quarto: *Um coração aberto ao mundo inteiro*

Para os migrantes o Papa propõe um ordem mundial que ajude o desenvolvimento de todos os países. Propõe acolher, proteger, promover e integrar a todos, não apenas aqueles representam um valor econômico para os países ricos.

“É verdade que o ideal seria evitar migrações desnecessárias e para isso o caminho é criar nos países de origem a possibilidade efetiva de viver e crescer com dignidade, para que aí se encontrem as condições de seu próprio desenvolvimento integral.” (129)

“Nossos esforços frente aos migrantes que chegam podem ser resumidos em quatro verbos: acolher, proteger, promover e integrar. Porque “não se trata de abandonar os programas de assistência social de cima para baixo, mas sim de trilhar um caminho juntos através estas quatro ações”.” (129)

“A chegada de pessoas diferentes, provenientes de contextos vitais e culturais diferentes, torna-se uma dádiva, porque “as histórias dos migrantes são também histórias de encontros entre pessoas e entre culturas: para as comunidades e sociedades às quais Eles chegam são uma oportunidade de enriquecimento e desenvolvimento humano integral para todos”.” (133)

“Quando você abraça de coração a pessoa diferente, você permite que ela permaneça ela mesma, enquanto lhe dá a possibilidade de um novo desenvolvimento.” (134)

“A verdadeira qualidade dos diferentes países do mundo é medida por essa capacidade de pensar não apenas como um país, mas também como uma família humana, e isso é especialmente comprovado em tempos críticos.” (141)

“Toda cultura sã é aberta e acolhedora por natureza, de tal forma que “uma cultura sem valores universais não é uma cultura verdadeira”.” (146)

“Reconheçamos que uma pessoa, quanto menos amplitude tiver na mente e no coração, menos será capaz de interpretar a realidade próxima onde está imersa.” (147)

Perguntas para refletir:

1. Que ações concretas você acha que poderia fazer para promover a fraternidade no ambiente ao seu redor? Mencione as 3 que considera mais importantes.
2. A que nos convida a parábola do Bom Samaritano? Em que círculo de pessoas devemos trabalhar como vicentinos (famílias, pessoas do mesmo país, estrangeiros)? Mencione de que maneira em cada um que você escolheu.
3. Você pensa que os conceitos de solidariedade e serviço expressos na Encíclica são princípios fundamentais de nosso carisma vicentino? Como São Vicente os vivenciou?
4. O Papa nos convida a quatro ações para com os migrantes que vêm a nossos países: acolher, proteger, promover e integrar. Que ações poderia planejar desenvolver em seu grupo para executá-las?

Carta Encíclica

Fratelli Tutti

Franciscus

Oração cristã ecumênica

Deus nosso, Trindade de amor,
a partir da poderosa comunhão da vossa intimidade divina
infundi no meio de nós o rio do amor fraterno.

Dai-nos o amor que transparecia nos gestos de Jesus,
na sua família de Nazaré e na primeira comunidade cristã.

Concedei-nos, a nós cristãos, que vivamos o Evangelho
e reconheçamos Cristo em cada ser humano,
para O vemos crucificado nas angústias dos abandonados
e dos esquecidos deste mundo
e ressuscitado em cada irmão que se levanta.

Vinde, Espírito Santo! Mostrai-nos a vossa beleza
refletida em todos os povos da terra,
para descobrirmos que todos são importantes,
que todos são necessários, que são rostos diferentes
da mesma humanidade amada por Deus.

Amen.

Dado em Assis, junto do túmulo de São Francisco,
na véspera da Memória litúrgica do referido Santo,
3 de outubro do ano de 2020, oitavo do meu pontificado.



Capítulo quinto: *A boa política*

No quinto capítulo se fala de uma boa política que está a serviço do bem comum, que não busca a aprovação pessoal nas urnas, que pensa com uma visão aberta e incorpora o diálogo interdisciplinar.

“Para possibilitar o desenvolvimento de uma comunidade mundial, capaz de realizar a fraternidade entre povos e nações que vivam a amizade social, é necessário uma melhor política a serviço do verdadeiro bem comum.” (154)

“A fragilidade dos sistemas mundiais face às pandemias tem mostrado que nem tudo se resolve com a liberdade de mercado e que, além de reabilitar uma política sólida e não sujeita aos ditames das finanças, “temos de trazer de volta ao centro da vida, a dignidade humana para que as estruturas sociais alternativas de que precisamos sejam construídas sobre esse pilar.” (168)

O amor efetivo vem do amor social: “O amor social é uma “força capaz de criar novas formas de enfrentar os problemas do mundo de hoje e de renovar profundamente a partir das estruturas, as organizações sociais e sistemas jurídicos”.” (183)

“Existe um chamado amor 'ilícito', que são os atos que procedem diretamente da virtude da caridade, dirigidos às pessoas e aos povos. Mas há também um amor “prevalente”: aqueles atos de caridade que nos impelem à criação de instituições mais saudáveis, regulamentos mais justos, estruturas de mais apoio.” ... “É caridade acompanhar uma pessoa que sofre, e também é caridade, tudo que se realiza mesmo sem ter contato direto com essa pessoa, para modificar as condições sociais que lhe causam sofrimento.” (186)

“Esta caridade, coração do espírito da política, é sempre um amor preferencial pelos menores, que está por trás de todas as ações realizadas a seu favor. Só com um olhar cujo horizonte esteja transformado pela caridade, nos leva a perceber a dignidade do outro, e assim, os pobres são descobertos e valorizados em sua imensa dignidade.” (187)

“Também na política existe um lugar para amar com ternura. “O que é ternura? É o amor que se torna próximo e concreto”.” ... “No meio da atividade política, “os menores, os mais fracos, os mais pobres devem nos tocar: eles têm o ‘direito’ de encher nossa alma e nosso coração. Sim, eles são nossos irmãos e como tal temos que amá-los e tratá-los”.” (194)

“A boa política une o amor à esperança, e a confiança nas reservas do bem que estão no coração das pessoas, apesar de tudo.” (196)

Capítulo sexto: *Diálogo e amizade social*

O sexto capítulo trata do diálogo que implica aproximação, escuta, respeito, conhecimento e compreensão e condena os ataques às redes sociais.

Para nos encontrarmos e nos ajudarmos, precisamos dialogar. “Diálogo social autêntico significa respeitar o ponto de vista do outro, aceitando a possibilidade de que contenha algumas convicções ou interesses legítimos.” (203)

“[O] diálogo precisa ... ser enriquecido e iluminado por razões, ... e não exclui a convicção de que é possível chegar a algumas verdades elementares que devem e deverão ser sempre sustentadas.” (211)

“A paz social é trabalhosa, artesanal.” (217) Implica ver todos os pontos de vista. Implica reconhecer no outro o direito de ser ele mesmo e de ser diferente. A falta de diálogo muitas vezes faz com que ninguém se preocupe com o bem comum, mas apenas interesses individualistas.

O Papa reiterada vezes convidou-nos à cultura do encontro, onde todos podemos aprender uns com os outros, por menor que pareça ser inútil. “Falar da ‘cultura do encontro’ significa que, como povo, somos apaixonados por tentar encontrar-nos, procurar pontos de contacto, construir pontes, projetar algo que inclua todos.” (216)

“A amabilidade é a libertação da crueldade que às vezes penetra nas relações humanas, da ansiedade que nos impede de pensar nos outros, da urgência distraída que ignora que os outros também têm o direito de ser felizes.” (224)

Capítulo sétimo: *Caminhos de reencontro*

O sétimo capítulo reflete sobre o valor e a promoção da paz que está ligada à verdade, à justiça e à misericórdia. A paz tem como objetivo uma sociedade baseada no serviço aos outros e na busca da reconciliação e do desenvolvimento mútuo.

“Em muitas partes do mundo há necessidade de caminhos de paz que conduzam à cura de feridas, há necessidade de artesãos da paz dispostos a gerar processos de cura e de um novo encontro de engenhosidade e audácia” (225) quando houver ofensas. ““É um trabalho paciente que busca a verdade e a justiça, que honra a memória das vítimas e que se abre, passo a passo, a uma esperança comum, mais forte que a vingança”.” (226)

“O caminho para a paz não implica homogeneizar a sociedade, mas nos permite trabalhar juntos. Pode unir muitos na busca de pesquisas comuns onde todos ganham.” ... ““Você nunca deve classificar o outro pelo que ele pôde dizer ou fazer, mas deve ser considerado pela promessa que carrega dentro de si”, uma promessa que sempre deixa uma raio de esperança.” (228)

“Uma ‘arquitetura’ ... e uma ‘arte’ da paz ... envolve todos nós.” (231) “Exige[m] colocar no centro de toda ação política, social e econômica a pessoa humana, sua mais alta dignidade e respeito pelo bem comum.” (232)

“Freqüentemente, os últimos membros da sociedade foram ofendidos com generalizações injustas.” (234) Só a proximidade como cristãos que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente o reencontro com os setores mais pobres e vulneráveis.

O Papa nos diz: “Existem duas situações extremas que podem ser apresentadas como soluções em circunstâncias particularmente dramáticas, sem perceber que são respostas falsas, não resolvem os problemas que procuram superar e que, em última análise, apenas acrescentam novos fatores de destruição. no tecido da sociedade nacional e universal. Trata-se de guerra e da pena de morte.” (255)

Capítulo oitavo: *As religiões a serviço da fraternidade no mundo*

No capítulo oitavo, o Papa propõe que as religiões estejam a serviço da fraternidade no mundo, isto é, que cumpram sua função social de nos reconhecer na diversidade e construir pontes e derrubar muros que nos separam.

“As diferentes religiões, baseadas na valorização de cada pessoa humana como criatura chamada a ser filho ou filha de Deus, oferecem uma valiosa contribuição para a construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade.” (271)

“Nós, crentes, pensamos que, sem uma abertura ao Pai de todos, não haverá razões sólidas e estáveis para o chamado à fraternidade. Estamos convencidos de que “somente com esta consciência de filhos que não são órfãos podemos viver em paz entre nós”.” (272)

O Papa Francisco pede respeito pela liberdade religiosa. Essa liberdade proclama que podemos encontrar um bom acordo entre culturas e religiões diferentes. “Entre as religiões é possível um caminho de paz. O ponto de partida deve ser o olhar de Deus. Porque “Deus não olha com os olhos. Deus olha com o coração. E o amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for sua religião”.” (281)

““Cada um de nós é chamado a ser um artesão da paz, unindo e não dividindo, extinguindo o ódio e não o conservando, abrindo caminhos para o diálogo e não construindo novos muros”.” (284)

Sobre a violência e o terrorismo religioso, ele nos diz: “o culto sincero e humilde de Deus “não leva à discriminação, ao ódio e nem à violência, mas ao respeito pela sacralidade da vida, o respeito pela dignidade e à liberdade dos outros”.” (283)

Comentário

Sonhemos como uma só humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos acolhe a todos, cada um com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada um com a própria voz, todos irmãos.

O caminho da fraternidade tem uma Mãe, Maria. Ela, com a força do Ressuscitado, quer dar à luz a um mundo novo onde todos sejamos irmãos, onde haja lugar para cada um dos excluídos de nossas sociedades, onde resplandeçam a justiça e a paz.

Perguntas para refletir:

1. O Papa que nos diz: “A boa política une o amor, a esperança e a confiança” (196). Menciona ações concretas que poderíamos levar a cabo como Voluntárias AIC, em nosso ambiente.
2. Que atitudes pensas que seja necessário incrementar em tua equipe vicentina para conseguir o autêntico diálogo social que nos convida a Encíclica?
3. Talvez em teu país existam grandes grupos que percebes divididos neste momento (Ex: por política, por religião, por ideologías diversas...) Que ações você pode pensar que poderia promover, gerar processos de cura e reencontro?
4. Que conclusões você tira da leitura desta Encíclica que possa melhorar seu trabalho vicentino?

Traduzido por:

Marleide Fernandes (Marla)